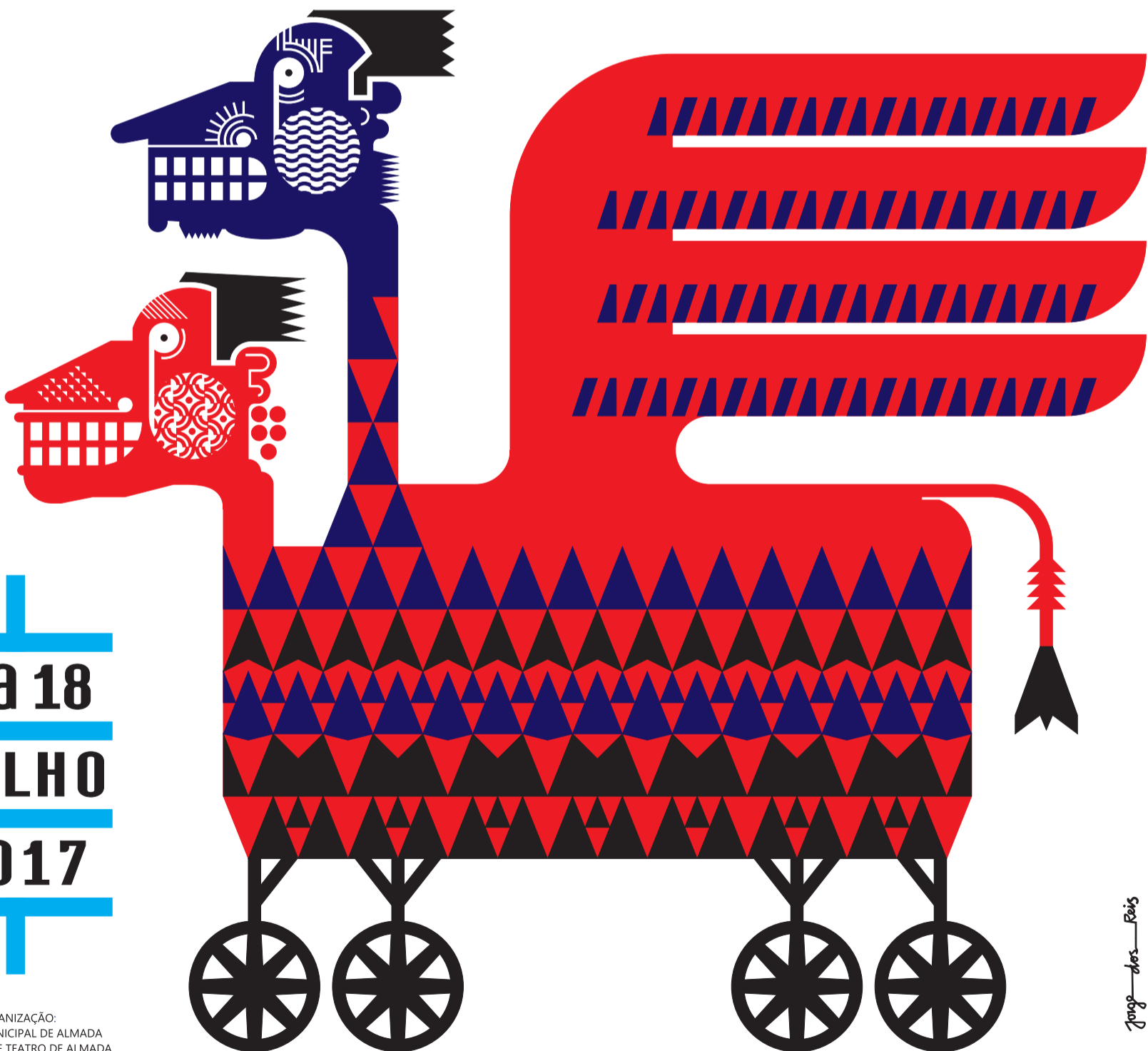


34º festival

de almada



4 a 18
JULHO
2017

ORGANIZAÇÃO:
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

João dos Reis

O teatro íntimo

Quando, no ano passado, o público do Festival de Almada decidiu que tivéssemos em 2017 um Espectáculo de Honra “íntimo” (uma *Hedda Gabler* em norueguês para apenas 70 espectadores, na Casa da Cerca), houve um traço que começou logo a desenhar-se no programa deste ano. E esse traço é o da proximidade (sim, física) entre os intérpretes e os espectadores.

Apostamos nesta edição nos pequenos formatos (sem pôr de lado, claro, as grandes produções, que são uma das marcas deste Festival), que reconciliam o teatro com a sua mais simples e bela expressão: as personagens e as suas paixões. E ao mesmo tempo que convidamos os grandes nomes da cena internacional, como Christoph Marthaler ou Pippo Delbono, também criamos espaço para um ciclo sobre o Novíssimo Teatro Português e proporcionamos cinco estreias a companhias portuguesas independentes – as mesmas que aguardam que o Governo defina um programa sustentável de apoio às artes para os próximos anos.

Entre 4 e 18 de Julho propomos-vos 44 espectáculos de teatro, dança e música, em Almada e Lisboa, em sala e na rua, para que nos detenhamos no prazer inteligente do deleite e da reflexão. Podem ser também, porventura, esses pequenos prazeres a trazer-nos mais algum sentido às nossas vidas.

RODRIGO FRANCISCO

Nº 27 | FESTIVAL DE ALMADA 2017



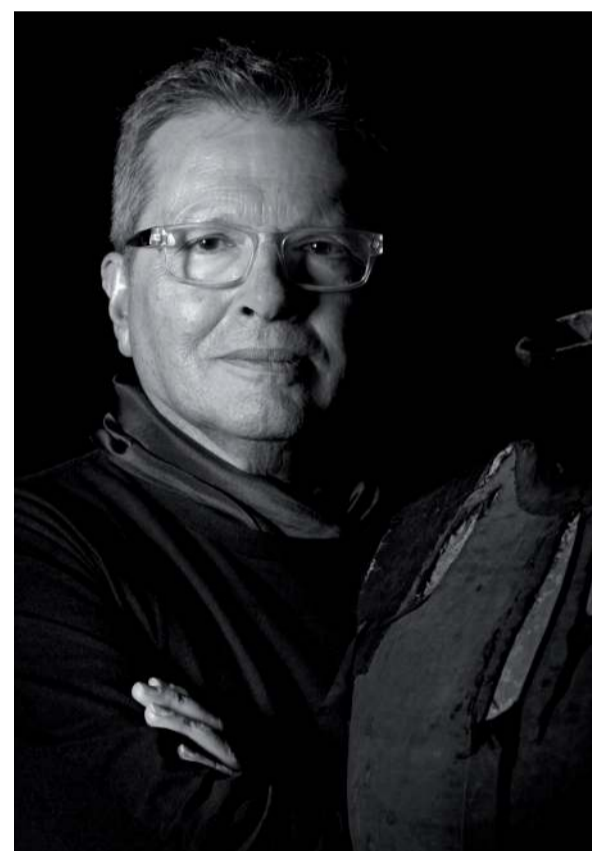
Direção **Rodrigo Francisco** Produção **Ana Patrícia Santos** Publicidade **Susana Fernandes** Colaboram neste número **António Pinto Ribeiro, Ângela Pardelha, Jorge Loureiro, José Gabriel Antuñano, Marina da Silva e Tommaso Chimenti** Capa **Jorge dos Reis** Paginação **João Gaspar** Impressão **Grafedisport**, impressão e artes gráficas, SA Propriedade Distribuição e publicidade Companhia de Teatro de Almada, CRL

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

HOMENAGEM 2017: António Lagarto Inventor de esculturas no espaço

Em 2017 o Festival de Almada homenageia o artista plástico António Lagarto, que, sendo mais conhecido do público pela sua carreira como cenógrafo e figurinista, tem um percurso que passa também pela fotografia, o vídeo, o design e a arquitectura de interior. Na Escola D. António da Costa haverá, entre 4 e 18 de Julho, uma exposição de homenagem e uma instalação do Artista, cuja sessão de homenagem decorre no Palco Grande a 14 de Julho.

Nome de António Lagarto distingue-se, no quadro da criação cenoplástica contemporânea, por um conjunto de características patentes em palavras, assinaladas por outros artistas, como “gigantismo”, “grandioso”, “rigoroso”, “sensível”, “audaz”, “luminoso”, “arquitectural”, “construído”, “poético” e “simbólico”. Colocado, esteticamente, na nova geração dos anos 80, a sua linguagem afirmou-se como uma atitude estética que reclama, para a cenografia, para os figurinos e para a criação plástica *tout court*, um lugar de autonomia autoral. O que para mim torna identificável a linguagem estética de António Lagarto no quadro do teatro em Portugal (como se poderá constatar na sua exposição) é uma espécie de “exterioridade” que lhe advém de dois lugares distintos. Por um lado, António Lagarto é, com Ricardo Pais – com quem formou parceria de criação durante largos anos –, um dos “*estrangirados*” que, depois do 25 de Abril de 1974, regressou ao país com formação e vivência londrinas. Esse quadro inicial de referências (RoseLee Goldberg, Bernard Tschumi, Nigel Coates e os “London Conceptualists”, etc.) afirmou-lhe uma genealogia de pertença (a *performance art*) e um diferenciado posicionamento político-cultural que se distinguiu das muitas experiências de exílio marxistas-leninistas-maoistas da nossa partilhada geração. Por outro lado, há na sua obra plástica uma como que não-interioridade, uma objectividade (no sentido expressionista), que, ainda quando revela sonho, memória ou algum tipo de subjectividade (dramática), sublinha mais o ponto de vista do criador que interpreta do que o do artesão ao serviço de uma encenação ou coreografia que se recusa a ilustrar. António Lagarto partilha com a maioria dos cenógrafos e cenógrafos-figurinistas portugueses que têm marcado as últimas gerações um reconhecido estatuto de artista. Incluída na merecida homenagem pública, a exposição do Festival de Almada 2017 funciona como uma metonímia da sua obra multifacetada que evolui da fotografia para a instalação, do figurino e da cenografia para a composição espacial. Uma das suas marcas identificadoras, como tenho assina-



© Margarida Dias

lado, é justamente uma espécie de “barroquismo simbólico” que emerge, frequentemente, da relação entre a escala humana e a magnitude dos seus espaços arquitecturados. Esta dimensão da linguagem que o identifica como artista liga-se, sem dúvida, às questões teóricas relacionadas com a representação do corpo na *performance art* e na *body art*, que estão na base da sua experiência académica e artística. A centralidade do corpo reflecte-se, todavia, no diálogo entre a representação do corpo humano vertical e a dimensão esmagadora da arquitectura dos espaços e dos símbolos que identificam muitas das suas criações. Como aqui se constata. | EUGÉNIA VASQUES

ASSINATURAS À VENDA

Geral = 75€ // Clube de Amigos do TMJB* = 60€

*Com cartão válido até 18 de Julho de 2017 ou posterior.

À venda nas lojas FNAC, na bilheteira do TMJB e em www.ctalmada.pt

A Assinatura do Festival de Almada dá direito a entrada directa no Palco Grande da Escola D. António da Costa. Nos restantes espaços, os talões da Assinatura devem ser trocados por entradas. Para os espectáculos realizados em Almada, essa troca efectua-se no Teatro Municipal Joaquim Benite, excepto para os que são apresentados no Fórum Romeu Correia. Para os espectáculos realizados em Lisboa, essa troca deve ser feita nas bilheteiras dos respectivos teatros. Tanto no Teatro Nacional D. Maria II como no Fórum Romeu Correia, a entrada dos Assinantes está condicionada à lotação da sala.

34º festival de almada

COMPAGNIE LE FILS DU GRAND RÉSEAU (FRANÇA)

Apre – melodrama burlesco

De Pierre Guillois

Co-escrito por Agathe L'Huillier e Olivier Martin-Salvan

TER. 4 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

VISJONER TEATER (NORUEGA)

Hedda Gabler

De Henrik Ibsen

Direcção de Juni Dahr e Tonje Gotschalksen em colaboração com os actores

QUA. 5, QUI. 6 e SEX. 7 > 15:00 e 19:00

CASA DA CERCA



espectáculo de honra

CO-PRODUÇÃO: ACTA – A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE, COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA, COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA E TEATRO DOS ALOÉS

História do Cerco de Lisboa

A partir de José Saramago

Encenação de Ignacio García

QUA. 5 > 21:30 | QUI. 6 > 19:00

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE



criação

ÚTERO – ASSOCIAÇÃO CULTURAL

Operários

De Miguel Moreira e Romeu Runa

QUA. 5, SEX. 7 e DOM. 9 > 21:30

QUI. 6 e SÁB. 8 > 19:00

TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO



criação

TEATRO DA GARAGEM

Ela diz

Texto e encenação de Carlos J. Pessoa

QUA. 5, QUI. 6, SEX. 7 e DOM. 9 > 21:30

SÁB. 8 > 16:00

TEATRO TABORDA



criação

THÉÂTRE DE LA BASTILLE (FRANÇA)

Bovary

A partir de Gustave Flaubert

Texto e encenação de Tiago Rodrigues

QUI. 6 > 19:00 | SEX. 7 > 21:00

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

mala voadora

Moçambique

Texto e direcção de Jorge Andrade

QUI. 6 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

A perna esquerda de Tchaikovski

Texto e direcção de Tiago Rodrigues

SÁB. 8 > 21:30 | DOM. 9 > 18:30

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

RAOUL COLLECTIF (BÉLGICA)

Rumor e alvoradas

Criação colectiva

SÁB 8 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

(ARGENTINA)

Svaboda

Dramaturgia e encenação de Bernardo Cappa

DOM. 9 > 16:00 | SEG. 10 > 15:00 e 19:00

TER. 11 > 15:00 e 18:00

INCRÍVEL ALMADENSE

TEATRO DA CIDADE

Topografia

Criação colectiva

SEG. 10 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA



o novíssimo teatro português

TEATRO DO ELÉCTRICO

Karl Valentin Kabarett

De Karl Valentin | Enc. de Ricardo Neves-Neves

SEG. 10 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA



o novíssimo teatro português

TEATRUL NAȚIONAL CLUJ-NAPOCA (ROMÉNIA)

Ricardo III está proibido

De Matei Vișniec | Encenação de Răzvan Mureșan

TER. 11 > 18:00 | QUA. 12 > 15:00 e 19:00

QUI. 13 > 17:00 e 21:30

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

PEEPING TOM (BÉLGICA)

Mãe

Direcção de Gabriela Carrizo

TER. 11 > 21:00

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

COMPANHIA JOÃO GARCIA MIGUEL

Tempestade

A partir de William Shakespeare | Enc. de João Garcia Miguel

QUA. 12 > 18:00 | QUI. 13 > 18:00 e 22:00

SEX. 14 > 15:00 e 19:00

TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO

ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

Primeira imagem

Concepção e encenação de John Romão

QUA. 12 > 19:30

QUI. 13, SEX. 14 e SÁB 15 > 21:30

DOM. 16 > 16:30

TEATRO NACIONAL D. MARIA II



o novíssimo teatro português

1927 (INGLATERRA)

Golem

Texto e encenação de Suzanne Andrade

QUA. 12 > 19:30 | QUI. 13 > 21:30

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

KAMEA DANCE COMPANY (ISRAEL)

Neverland

Coreografia de Tamir Ginz

QUA. 12 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

Por nascer uma puta não acaba a Primavera

Encenação de Alexandre Tavares

e Anouschka Freitas

QUI. 13 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA



o novíssimo teatro português

NARRATIVENSAIO-AC

Cânticos de barbearia

De Carlos Tê | Encenação de Luísa Pinto

SEX. 14 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

A morte do príncipe

De Ricardo Boléo

SÁB. 15 > 18:00

FÓRUM ROMEU CORREIA



o novíssimo teatro português

COMPAGNIA PIPPO DELBONO (ITÁLIA)

Evangelho

Texto e encenação de Pippo Delbono

SÁB. 15 > 21:00 | DOM. 16 > 16:00

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

(ARGENTINA)

Diário de uma assistente de sala

Encenação de Gonzalo Facundo López

DOM. 16 > 15:00

SEG. 17 e TER. 18 > 15:00 e 19:00

TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO

THEATER BASEL E THÉÂTRE VIDY-LAUSANNE (SUÍÇA)

Uma ilha flutuante

A partir de Eugène Labiche | Enc. de Christoph Marthaler

DOM. 16 > 19:00 | SEG. 17 > 21:30

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

TEATRUL NAȚIONAL RADU STANCA (ROMÉNIA)

Gente comum

Texto e encenação de Gianina Cărbunariu

DOM. 16 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

VOADORA (ESPAHA)

Sonho de uma noite de Verão

A partir de William Shakespeare | Enc. de Marta Pazos

TER. 18 > 22:00

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA



Evangelho

Sábado 15 > 21:00 | Domingo 16 > 16:00
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

© Luca Del Pia

Um grito de amor de Pippo Delbono

Criado em Zagreb, com actores e bailarinos do Teatro Nacional croata, assim como com os intérpretes habituais de Delbono, *Evangelho* consiste na continuação da tentativa do encenador em fazer subir ao palco uma palavra solidária e fraterna contra o caos da guerra e da destruição. Pippo Delbono está de regresso, num espectáculo que cria uma missa laica e poética a partir das histórias de vida dos refugiados que tentam chegar à Europa. Marina da Silva, crítica do *L'Humanité*, realça o cariz político do mais recente espectáculo do encenador italiano.

“**T**ens de fazer um espectáculo sobre o Evangelho”. São as últimas palavras de uma mãe ao seu filho. Conhecemos o acompanhamento, dilacerante, que Pippo Delbono fez à mulher da sua vida até ao último sopro, que ele filmou longamente e a quem dedicou a sua encenação de *Orquídeas*, apresentada em Almada há três anos. Já nessa peça se pressentia a medida da grande separação entre o filho ateu profundamente anti-religioso – reivindicando, como Pasolini, a sua homossexualidade – e essa mulher simples e profundamente devota. Deparávamo-nos com uma linguagem reinventada pela força do amor, de forma a alcançar a compreensão mútua. Filho e mãe procuravam estabelecer, através do diálogo, um patamar de entendimento e transformar-se mutuamente. Sem temer ser redundante, o encenador italiano prossegue, no palco, com as suas interrogações filosóficas face à selvajaria do Mundo. Serve-se do título do *Evangelho* para o pôr em questão. Interroga, em primeiro lugar, a mensagem desse texto, que é – ou deveria ser – uma mensagem de fraternidade e de amor, e cuja concretização no Mundo de hoje se encontra completamente achincalhada. Para ele, a pergunta que os *Evangelhos* colocam à Humanidade tem que ver com a relação com o outro, com o refugiado. Também Delbono foi ter com os refugia-

dos atirados para a costa italiana, depois de périplos terrificantes, e com quem rodou uma longa-metragem com o mesmo nome – *Vangelo*. Para o encenador, há que alterar a forma de olhar para estas pessoas e tornar visível as suas profundas coragem e humanidade: esta experiência revelou-se-lhe “80% de vida – partilhando o quotidiano e o infortúnio destes homens e destas mulheres maltratados pelas dificuldades – e 20% de filmagem”. Descobriu uma outra temporalidade, outros códigos, e um conjunto de vidas em construção, entre recordações dolorosas e traumáticas e um futuro incerto e sofrido. “*Alguns vêm do Afeganistão, outros da África subsaariana: todos têm um nome, uma história diferente*”, conta Delbono, à medida que reivindica a necessidade de dar resposta à singularidade de cada indivíduo.

LOUCOS A CÉU ABERTO

É entre estes “condenados da terra” que Pippo se sente em casa. Ele, que sempre tem trabalhado com actores que são diferentes de si; com pessoas vindas de todos os horizontes; com os sem-abrigo; com actores saídos da prisão ou de asilos. Muitas vezes estes intérpretes estão em ruptura com os códigos estéticos dos espectáculos tradicionais; têm trissomia, como Gianluca; ou são microcéfalos, como Bobó, hoje com 80 anos. Sempre magníficos, luminosos, irradiando vida. Delbono também sabe olhar o outro, e transmitir-nos a sua fragilidade e a sua força. E continua, como desde

as suas primeiras declarações, a colocar-se do lado “*daqueles que vivem como assassinos na Terra, como bandidos no fundo dos mares, como loucos a céu aberto*”.

EXISTENCIAL E POLÍTICO

Autor, actor, encenador, cineasta e escritor, Pippo Delbono cria peças que se lhe assemelham, nas quais sobe ao palco e nos fala da sua vida, que tem vivido ao máximo. A cada criação deparamo-nos com espectáculos totais, nos quais a representação, a dança, a música, as imagens filmadas e os figurinos são totalmente dedicados a uma pesquisa estética e poética. Pippo é fiel aos seus companheiros, mas esta nova associação a actores croatas – que passaram por uma das guerras mais ferozes da História contemporânea –, e a presença em vídeo dos migrantes refugiados no centro de acolhimento de Arti, tornam o seu teatro existencial ainda mais político. O encenador cria cenas de uma eloquência magistral, como a da visão de um naufrago, para a qual Nelson põe à disposição o seu grande corpo descarnado, tomando o lugar de Cristo na cruz sob o olhar inquiridor dos membros do Ku Klux Klan, ao som do *Don Giovanni*, de Mozart. Somos colocados perante uma proliferação de imagens que mostram a dificuldade de compreendermos aqueles que são diferentes de nós. E aqueles que são diferentes pertencem tanto a este Mundo quanto nós. E têm uma imensa capacidade de transformação.

MARINA DA SILVA



Pippo DELBONO

Pippo Delbono (n. 1959, Varazze) é actor, encenador, dramaturgo e realizador. No início dos anos 80 fundou a Compagnia Pippo Delbono, com a qual levou à cena a maioria dos seus trabalhos, desde *O tempo dos assassinos* (1987) a *Orquídeas* (2013), apresentados em mais de 50 países e em diversos festivais internacionais, incluindo o Festival d'Avignon, a Bienal de Veneza e o Festival Grec de Barcelona. A sua obra dramática e cinematográfica tem sido amplamente premiada, e a sua relação com o Festival de Almada remonta a 2004, ano em que apresentou *Guerra* no Centro Cultural de Belém. O seu teatro assenta na vida, e nos constantes cruzamentos que realiza entre os temas fracturantes que aborda, a sua própria biografia e as histórias de vida dos seus indefectíveis actores, que sempre o acompanham em cena.

Um *vaudeville* existencial: Marthaler revisita Labiche e o resultado torna a espantar-nos, *comme il faut*

Os espectadores do Festival, que conhecem o encenador Christoph Marthaler de espectáculos como *+0* ou *King Size*, poderão achar estranho que *Uma ilha flutuante* se baseie na comédia *Poeira para os olhos*, de um dos mestres do *vaudeville*, Eugène Labiche (1815-1888). No entanto, o interesse pelo comediógrafo francês não é novo, visto que o encenador suíço já havia dirigido *O caso da rua Lourcine*, em 1991. O crítico espanhol José Gabriel Antuñano realça o carácter absurdo deste *vaudeville* à espera de Godot.

O enredo da peça de Labiche contém todos os artifícios do *vaudeville*: duas famílias arruinadas em busca de fortuna, os Malingear e os Ratinois, querem casar os respectivos filhos, Emmeline e Frédéric. Ambos os casais fingem possuir capital suficiente para conseguir um bom dote com o casamento dos filhos, que aceitam o enlace mais por conveniência mútua e obediência aos pais do que por amor. Não costumam contar as histórias das peças, mas se o faço agora (e inclusive aconselho o espectador a ler a peça de Labiche antes de assistir ao espectáculo), é porque acredito que desta forma se poderá desfrutar mais inteiramente da proposta de Marthaler. A um tempo cómica e poética, nesta criação descobrimos nos signos, nas situações absurdas e nos ambientes sonoros todo o antigo palavreado de Labiche, que é divertido mas por vezes excessivo. Outro conselho útil para o espectador é que tenha paciência. É o que lhe pedem as personagens antes de começar o espectáculo: paciência para acompanhar o *tempo* lento da narração cénica. Esta recomendação está muito ligada ao sentido da vida, para Marthaler, que nos seus espectáculos se interroga acerca de *porquê* e *para que é que* estamos vivos – o que conduz as personagens a uma espera entediada e desesperançada. É este o pano de fundo de *Uma ilha flutuante*, para além das situações amarga-

mente cómicas que se multiplicam durante o espectáculo. E todos esperam. Todos se enganam, porque – e esta é outra das ideias de Marthaler – as personagens (tal qual as pessoas) são vítimas de uma super-estrutura social, que as impede de tirar partido do quotidiano, propondo-lhes objectivos inalcançáveis. Da mesma forma que é inalcançável neste espectáculo o amor entre os noivos, que não empatizam, apesar de encorajados pelas respectivas famílias – tudo explicado numa longa cena final, sem palavras, que me coíbo de contar.

O RISO COMO UM ESPELHO

O *tempo* lento, os silêncios prolongados, os minutos que passam sem que nada aconteça produzem tédio – porque é essa sensação anímica e existencial que Christoph Marthaler pretende transmitir aos espectadores, como forma de reflexão sobre o niilismo da própria existência humana. No fundo somos todos caminhantes sem destino, à espera de um Godot que não virá nunca. Mas apesar do substrato sombrio, há variadíssimos momentos irresistivelmente hilariantes – ou pelo menos convidativos a um sorriso amargo e reflexivo. Existem múltiplos *gags* engraçadíssimos (alguns a recordar o velhinho cinema mudo) resultantes do cómico de situação entre as personagens que se enfrentam, ou ainda do jogo com os adereços que os intérpretes inventam durante a representação. A característica comum a toda esta comicidade é o absurdo existencial, que percorre a

peça do início ao fim, como se o riso nos obrigasse a olhar para nós mesmos.

FALAR PARA NÃO ENTENDER

A dramaturgia extraída ao texto original de Labiche é inteligentíssima. Conserva-se o espírito e o tom do *vaudeville*, mas quase não há diálogos. Ou melhor, se no original de Labiche as falas favorecem o jogo de palavras e a elocução rápida, no espectáculo de Marthaler as palavras são ditas sem ênfase, realçando-lhes o cariz cómico. O texto é meramente informativo. Mas existem muitas mais transformações em relação à peça original. Refiro mais duas: a invenção de uma personagem que tudo observa e comenta – um *deus ex machina*, se se quiser –, e a língua na qual as duas famílias se exprimem – uma em francês e outra em alemão –, realçando o tema da incomunicabilidade. É importante realçar este facto, para que ele não acabe por diluir-se na nossa necessidade de seguir as legendas. No que toca à cenografia, é bem patente o toque de Anna Viebrock, colaboradora do encenador de longa data, ainda que a cena esteja povoada de objectos em linha com o teatro burguês do final do século XIX. A música, como habitualmente em Marthaler, é uma delícia e serve para veicular sentimentos e sensações (destaco o *Downtown*, que na sua época foi um *hit*, na interpretação de Petula Clark). E advertto para que desta vez não há piano, como em *King Size* – mas uma harpa.

JOSÉ GABRIEL ANTUÑANO



Uma ilha flutuante

Domingo 16 > 19:00 | Segunda 17 > 21:30
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

© Simon Hallstrom



Christoph MARTHALER

Christoph Marthaler (n. 1951, Erlenbach) é oboísta e flautista de formação. Na sequência do Maio de 68 entra para a Escola Lecoq, em Paris, estreando-se na encenação em 1980 com *Indeed*, e começando desde logo por fundir os mundos do teatro e da música. Com esta matriz criará espectáculos emblemáticos, como *Fausto*, de Pessoa, ou *Casimiro e Carolina*, de Horváth. Mestre da lentidão, da ironia e do distanciamento, inventou uma poesia cénica verdadeiramente singular, feita de palavras, canções e música. Ao longo da sua carreira tem dirigido espectáculos baseados tanto em autores de referência (Shakespeare, Tchecov, Büchner, Horváth), como remetendo para o seu universo pessoal (e enigmático). Tem igualmente encenado espectáculos de ópera, e teve uma fugaz (e polémica) passagem pela Schauspielhaus de Zurique.



Peças destas não se vêem por cá

A companhia inglesa 1927 é (não por acaso) um dos grupos que actualmente mais digressões realiza em todo o Mundo, apresentando-se pela primeira vez em Portugal. A forma como integra a animação-vídeo com o teatro torna os seus espectáculos numa experiência “inesquecível”, segundo o *The Times*. *Golem*, a sua mais recente criação, parte de uma distopia bem nossa contemporânea: e se fossem os objectos, de que teimamos em rodear-nos, a controlar as nossas vidas, e não o contrário? Sentemo-nos – e desliguemos os *smartphones*.

Golem mistura banda desenhada com projecção, música ao vivo (piano e bateria), e ainda um misto de jogo de vídeo com teatro de sombras e

cinema mudo – tudo numa versão bastante *punk*. Os desenhos com que somos recebidos no início do espectáculo fazem-nos lembrar aqueles broncos que davam pelo nome de *Beavis and Butt-head*, uma série de animação britânica, de culto, que a MTV começou a passar no fim dos anos 90. A percussão e o fluxo de imagens que nos passam diante dos olhos criam um efeito cilíndrico: uma manta de retalhos com contornos descolorados e poeirentos, ligeiramente opacos, como no *clip* do *The wall*, dos Pink Floyd. Poder-se-ia tratar de uma evolução do antigo teatro de variedades, ou da velhinha revista. O tema – com o seu cariz brechtiano, circense e de traços fellinianos – leva-nos para o *bas fond* da periferia de uma grande cidade (Londres?), onde um rapaz inadapitado – um *nerd* sem namorada e com um trabalho aborrecido e repetitivo – consegue livrar-se dos seus medos e dos seus complexos graças à criação que dá o título à peça.

O MELHOR AMIGO DO HOMEM...

O Golem é um gigante de argila entre o Frankenstein e o Lurch da Família Adams, um brutamonte gigantesco, uma figura antropomorfa da tradição judaica, e que

quer dizer, à letra, “*massa informe*”. Este mostrengo, que no início não passa de um mentecapto mudo e sem vontade, acaba por tornar-se no companheiro do tal rapaz bexigoso e problemático, que o tinha comprado por curiosidade, capricho e tédio.

...QUE AFINAL NÃO O É

Mas aquilo que compramos às vezes acaba por comprar-nos a nós. E é assim que este ser – que no início é um fiel criado, entre o escravo e o empregado doméstico, ocupando-se das limpezas e dos recados – começa, ao invés de satisfazer os desejos do seu dono, a propor-lhe novos interesses, levado pela publicidade ou manobrado por altas esferas incontroláveis e não identificáveis. Tal qual nos tem acontecido com os televisores, os computadores pessoais, ou os *smartphones*: aqueles objectos que nos entraram em casa, inocentes, e que nos alteraram os hábitos, nos modificaram o *habitat*, e nos impuseram novas regras. Estes objectos, em vez de nos proporcionarem a liberdade e a pluralidade de escolha para que foram comprados, tornam-se em ditadores que nos dão ordens e nos induzem necessidades sub-repticiamente.

UM NOVO CAVALO DE TRÓIA

E quando o Golem *naïf* e toco é actualizado com uma versão 2.0, e até mesmo com uma 3.0 – graças a uma produção industrial em série e sem escrúpulos –, então não há como escapar ao seu controlo. Hoje em dia os objectos dominam-nos a vonta-

de. Modelam os sonhos à imagem e semelhança do vendedor, tornando-nos meros fruidores-consumidores, sem qualquer possibilidade nem faculdade intelectual para nos revoltarmos ou protestarmos. O Golem insinua-se nas vidas dos habitantes das metrópoles como um cavalo de Tróia, um brinquedo, para depois instilar as suas energias e as suas influências negativas.

DO ÓCIO AO TÉDIO

No início, parece estarmos perante uma panaceia para o problema da falta de tempos livres: inventou-se uma máquina que trabalha em vez de nós. Um verdadeiro *robot*, que não tem horários, que não vai a manifestações, que não pertence a sindicatos nem precisa de férias, não adoce nem engravida – e consegue realizar todas as tarefas dos indivíduos de carne e osso. Mas eis que o tempo livre, outrora escasso, agora se transforma em inércia, tédio e depressão – apenas combatíveis através da aquisição de outros artigos inúteis, sugeridos por um *software* que entretanto se tornou nosso “*amigo*”, que é precisamente o termo usado no *facebook* para denominar os contactos virtuais. A partir deste momento, as horas vagas passam a tornar-se num calvário, só colmatável com uma nova estupidação à base de aplicações virtuais, como se tivéssemos perdido a capacidade de viver – isto é, de aproveitarmos os momentos de ócio para ter prazer. Instala-se a ditadura das máquinas, de traço orwelliano. O ser humano, esgotado, perde

o espírito crítico e transforma-se num autómato, privado das principais condições que lhe permitam afirmar-se enquanto pessoa, ou seja: o raciocínio, a capacidade de discussão, a dúvida e o pensamento livre.

COMPRAR PARA EXISTIR

A máquina tende a globalizar e a uniformizar os gostos, tornando-se mais simples o controlo dos milhões de miseráveis (há uma referência à obra-prima de Victor Hugo) que vagam como *zombies* à procura de produtos fúteis dos quais não precisam, e de objectos para tornar as casas todas iguais – coisas para preencher o grande buraco negro da insatisfação e da superficialidade com que temos de lidar todos os dias. O Homem acaba por vestir-se como o Golem, num processo de osmose e identificação. O Golem acaba por estandardizar-nos em vários clones, todos iguais, livrando-nos do embaraço do erro, da indecisão e da incerteza de um futuro que alguém, na sala de controlo, já decidiu por nós. O panorama, infelizmente verdadeiro e em pleno desenvolvimento, é desolador. Vivemos em ligação constante com mundos que só existem no éter, e centros comerciais cintilantes que vendem o impossível: a tranquilidade e a serenidade como o ópio e o ócio dos povos. É o que nos dizem, por exemplo, os filmes *Fahrenheit 451* ou *Truman show*. É a lição que nos deixou Steve Jobs. E é por isso que não se deve perder este espectáculo.

TOMMASO CHIMENTI

Sobre as memórias do corpo: entre o teatro e a dança, os Peeping Tom invocam a figura materna

A nova produção dos Peeping Tom leva-nos a uma série de lugares relativamente familiares: a enfermaria de uma maternidade, uma sala de velórios, um estúdio de gravação, um museu... Trata-se de espaços em que a esfera pública e a privada se tocam. Onde o passado, o presente e o futuro procuram desesperadamente agarrar-se à figura arquetípica de uma mãe. O seu velório é justamente o ponto de partida a partir do qual os intérpretes criam no palco e – no público – uma arrebatadora sensação de ausência.

Moeder não se exime a uma perspectiva sombria da vida. Assistimos como uma menina cresce na prisão de uma incubadora. Quanto mais cresce, mais é esmagada. O que é que a força a ficar lá dentro? Por que é que não consegue libertar-se? Entretanto, toda e qualquer nova forma de vida parece atormentar e causar ansiedade àqueles que a rodeiam. Neste espectáculo a coreógrafa Gabriela Carrizo apresenta-nos o corpo como um contentor do qual emergem uma quantidade enorme de recordações – conscientes e inconscientes. Em colisão permanente, essas memórias definem-nos. A peça cria laços inesperados, que atravessam a fronteira entre o sofrimento, o luto e a celebração, ao mesmo tempo que ora refreia, ora solta os sentimentos – a meio caminho entre a razão e a loucura. Em *Moeder* tanto a vida como a morte podem ser Arte, exibidas para que todos as vejam. Por entre o fluxo das memórias individuais da coreógrafa e dos intérpretes – a matriz deste espectáculo – cintila uma memória universal e colectiva. E esta memória espolta reflexões perturbantes acerca do significado e das responsabilidades de ser-se mulher, mãe e progenitora.

DANÇAR COM A MEMÓRIA

Enquanto companhia, os Peeping Tom são uma estrutura que se desenvolveu organi-

camente, com raízes profundas, nas quais se fundem a vida e o trabalho, a pesquisa e a performance. Desde o início, os seus fundadores têm trabalhado com um grupo bastante sólido de artistas, que se põem inteiramente à disposição dos coreógrafos durante o lento e intuitivo processo criativo. É típico nos espectáculos desta companhia os intérpretes, em palco, tratarem-se pelos nomes verdadeiros. Entretanto o modelo organizacional da companhia já passou por três estádios de desenvolvimento: começou por ser um colectivo, a que se seguiu a direcção artística de Gabriela Carrizo e de Franck Chartier, evoluindo gradualmente para a actual configuração, na qual cada produção é dirigida alternadamente por cada um deles. No que toca ao tom e ao tema, *Moeder* é um produto natural do desenvolvimento dos Peeping Tom, que sempre mostraram um grande afecto e uma grande ternura pelo ser humano. Também nesta peça o humor e a empatia são os meios para se chegar a um universo mais pessoal e reconhecível: a família e a sua constelação, em cuja superfície flutuam e giram sobre si próprios os pensamentos escondidos e instáveis das personagens. Em todas as suas criações, Carrizo e Chartier têm procurado novos ângulos, tornando visível este mundo mental paralelo, governado por outras leis, e cujos medos, neuroses e fantasias individuais põem em causa a socialização convencional. O trabalho desta dupla consiste na tentativa de abordar realidades



que pertençam ao campo do inefável, do indiscernível, e que ponham as certezas de lado. E a forma de entender este mundo através do corpo em movimento consiste num processo de pesquisa que os dois criadores têm vindo a refinar ao longo dos anos de trabalho conjunto.

O SOM DO MOVIMENTO

O ponto de partida para *Moeder* foi a morte da mãe de Gabriela Carrizo. E aquilo que era para inicialmente constituir um tributo à mãe da artista acabou por transformar-se, graças ao contributo do grupo. Outro ponto de partida foi o fascínio da coreógrafa pela forma como os sons desencadeiam associações e memórias. Mais precisamente, antes do início dos ensaios, Gabriela Carrizo fez um *workshop* com um sonoplasta que cria, ou recria, sons para filmes num estúdio, em pós-produção. Como seguir um bailarino, ou bailarina, para encontrar o seu som particular? Como gravar ou manipular um som? Como obter som de um objecto? São estas algumas das perguntas que a peça coloca. Em *Moeder* os sons estão intimamente ligados às personagens e à dança. São ampliados sons de órgãos humanos e de objectos. Desta forma, Gabriela Carrizo oferece-nos o corpo performativo visceral, e a interioridade dos adereços, assim como um universo mental oculto: o dos medos e das fantasias. Estando nós habituados a encarar o som, em palco, como uma mera ferramenta, *Moeder* transforma-o numa

matéria tangível, que traz à superfície uma dimensão da existência que, de outra forma, teria permanecido invisível. Carrizo usa a sonoridade para fazer *zoom* em situações e personagens, quase como no cinema: são os próprios sons que guiam o olhar do espectador, com grande precisão. Da mesma forma, é o espaço sonoro que está na base da sua coreografia. O som da inspiração e da expiração lança os bailarinos num movimento ondulante, ou deixá-los como que à deriva. A coesão entre os diferentes modelos de representação que a coreógrafa procura só é possível graças a uma sintonia perfeita entre técnicos e intérpretes. Trabalhar com o tempo, encontrar o momento certo, saber quando se tem de esperar ou abrandar: são estes elementos que influem no espectáculo uma imensa musicalidade. Os Peeping Tom exploram a memória e a figura da mãe com o mesmo olhar terno e sardónico que percorre todas as suas outras produções. *Moeder* é ao mesmo tempo engraçado e inquietante; perturbador e estranhamente familiar. Reconhecemos neste espectáculo o mesmo fascínio de quando nos damos conta de que o Mundo é demasiado grande para nós. E o mesmo olhar divertido para as nossas tentativas de fazê-lo encaixar na nossa forma de o encarmos. E não é surpresa nenhuma que as tentativas dos bailarinos para a construção da figura da mãe resultem, simultaneamente, na sua desconstrução.

SÉBASTIEN PARIZEL E LIEVE DIERCKX



Para acabar de uma vez com a TINA

Tendo feito furor no último Festival d'Avignon, o colectivo belga Raoul Collectif lança um libelo cómico contra a forma de pensamento único neoliberal, resumido no chavão cunhado por Margaret Thatcher (recentemente repescado) *"There is no alternative"* [TINA]: *"Não existe alternativa"*. *Rumor e alvoradas* propõe-nos a companhia de cinco radialistas *demodé*, que recebem a visita da própria TINA em pessoa. A dada altura o espectáculo extravasa para a bancada, pelo que se aconselha o público a ter preparada uma pergunta para a senhora...

É o último dia da transmissão do programa radiofónico *Rumor e alvoradas*: um espaço de opinião e debate animado por cinco radialistas *"à antiga"*, daqueles que fumam no estúdio e não se coíbem de defender apaixonadamente os seus ideais de esquerda. Só que estes cinco homens *"muito dos anos 70"* revelam uma certa dificuldade em porem-se de acordo sobre o que quer que seja – inclusive unirem-se contra a nova administração da rádio em que trabalham, que se prepara para os tirar do ar. Que espaço pode ainda haver para a reflexão e o debate numa sociedade cada vez mais atraída pelo pensamento único? Os belgas do Raoul Collectif perguntavam-se, há dois anos, por que razão nunca conseguia a esquerda pôr-se de acordo, em vez de se envolver em querelas que só contribuíam para que o neoliberalismo prevalecesse? Criando uma grande metáfora acerca dos problemas com que a Europa se debate, e fazendo-nos olhar para o contexto político em que vivemos a partir do estúdio de uma estação de rádio, este espectáculo ganha, com a situação governativa portuguesa, uma leitura inesperada – e actualíssima.

Será que ainda existe espaço para programas como este *Rumor e alvoradas*?
Não. Não existe uma alternativa ao desaparecimento deste tipo de programas de comentário e reflexão, em benefício dos

pequenos formatos, sexy, super-editados e de divertimento (para não dizer *"embrutecimento"*). É inegável a forma como o neoliberalismo operou uma metamorfose nas rádios e nas televisões (incluindo as de serviço público), dando relevo à publicidade, em detrimento da cultura e do pensamento. No entanto há que constatar a criação de novos espaços, nomeadamente aqueles que circulam na internet, que se constituem como uma alternativa aos monopólios mediáticos.

A dada altura parece que os cinco radialistas têm dificuldade em lidar com algumas causas *"modernas"* (como a ecologia e o feminismo)...

Pois. Ainda que seja importante lembrar que foi a esquerda quem trouxe essas causas para a ordem do dia. Queremos também mostrar que, para além da clássica divisão entre os valores da esquerda e os da direita, existem uma série de divisões nos próprios seios destas duas tendências. Nos últimos trinta anos trabalhou-se eficazmente no sentido de uma atomização da esquerda, cuja incapacidade para se unir em torno de valores essenciais nós lamentamos, e justificando-se com pretextos muitas vezes ultrapassados.

Por que é que estes jornalistas nunca se põem de acordo?

Queríamos justamente olhar para aquilo que impede o pensamento (de esquerda) de agir de uma forma unida e concertada.

Estes radialistas, que têm um programa já antigo, não conseguem entender-se entre si e assistem, impotentes, ao seu próprio naufrágio. Embrenhados nos conflitos internos do grupo, as suas ideias confrontam-se com uma série de becos sem saída e nunca chegam a ser postas em prática. A ironia com que encaramos estes *"intelectuais"* dos anos 70 é também uma forma de ganharmos distância para analisarmos temas que nos parecem ainda bem actuais.

Como é que se passa da Sociedade Mont-Pèlerin para o deserto mexicano?

Procurámos ir, um pouco por todo o Mundo, a determinados sítios ainda a salvo da formatação de pensamento que reina no Ocidente. Pudemos estudar outros tipos de organização social e fomos por vezes confrontados com certos choques culturais, dos quais não saímos incólumes. Após uma série de viagens dramáticas, identificámos um caminho possível desde as fundações do pensamento neoliberal (a Sociedade Mont-Pèlerin, em 1947), passando pela expressão de Thatcher *"There is no alternative"*, até à irrupção de um espaço desértico em que tudo seja poético.

O que pode o teatro fazer contra as formas de pensamento único?

Criar um imaginário – e confrontá-lo com a realidade. A primeira parte do espectáculo é bastante verborreica, com as personagens a falarem pelos cotovelos, ao passo que na segunda se dá espaço ao silêncio.

Procura-se recentrar o eixo da imaginação destes radialistas, para criar novas visões do Mundo. A ideia de fazer um teatro ancorado na poesia e no imaginário é a de procurar fazer com que emergjam novos pontos de vista e novas visões do Mundo, para lembrar aos espectadores que ainda é possível usar a imaginação.

Qual é hoje em dia o *"ruído do fascismo"*, de que falam na peça?

São os balbucios de um presidente eleito para alterar os destinos do seu povo e que volta de Bruxelas abatido e submetido aos ditames do BCE e do FMI. É o crepitar das chamas nas quais se imola um homem à saída do seu banco, em Salónica, ou o tiro que soou diante do parlamento grego, no dia em que um reformado se suicidou. É o som do voto em Marine Le Pen quando poisa na urna. É o deslizar de um dedo no ecrã de um *iPhone*. É o ruído das balas de borracha que atingem o peito de um migrante em Ceuta, ou de um trabalhador que se manifesta contra a deslocalização da sua empresa para um país em que a mão-de-obra seja mais barata. Mas antes de mais talvez seja o silêncio. A Margaret Thatcher dizia: *"A economia é só um método: o nosso objectivo é mudar os espíritos"*. Acharmos que, em parte, conseguiu fazê-lo. Desde 1970 até hoje os nossos políticos eleitos têm-se posto ao serviço da alta finança, que os trata como subordinados e os comanda discretamente.

ENTREVISTA COM O RAOUL COLLECTIF



Moçambique

Quinta 06 > 22:00
ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

© José Carlos Duarte

Esse Moçambique de Jorge Andrade

Jorge Andrade serve-se da sua memória familiar para, mais uma vez, com a sua mala voadora, se instalar na fronteira entre a realidade e a ficção: nesta peça perspectiva-se a vida do autor e encenador se, na sua infância, a sua mãe o tivesse dado em adoção a uma tia moçambicana que perdera os dois filhos. *Moçambique* foi considerado o melhor espectáculo de 2016 pela Sociedade Portuguesa de Autores e pelo jornal *Público*, tendo recebido rasgados elogios do programador cultural António Pinto Ribeiro e do investigador teatral Jorge Loureiro.

A última peça escrita e dirigida por Jorge Andrade, com figurinos e cenografia de José Capela, e com um invulgar elenco, é uma obra fundamental do actual reportório de teatro apresentado nas últimas temporadas em Portugal. É-o por trazer para a cena, podemos dizer para a actualidade, temas que desde as independências das ex-colónias africanas tinham sido escamoteados, ou sujeitos a narrativas cheias de equívocos. É-o porque *Moçambique*, partindo de uma declaração de que a peça se inicia por um relato autobiográfico do encenador, acabará por provar que a veracidade dos relatos é conforme aos interesses de quem relata, de quem tem o poder de narrar e impor uma narrativa que pode ser o texto de uma peça de teatro – como é o caso. Há factos, e até há documentos, mas os mesmos requerem da sua decifração e da sua montagem para terem um sentido e uma verosimilhança, acrescido que esta montagem é sempre a montagem de uma época e num contexto. Os historiadores sabem da enorme polémica que desperta sempre que se fala da história e dos testemunhos orais.

SEDUZIR (SEM MANIPULAR)

Moçambique é um excelente exemplo da complexidade implicada no relato de acontecimentos narrados relativamente a um passado recente e, ainda por cima, a várias vozes, conforme se trate dos trabalhadores agrícolas, dos governantes, do

proprietário, do autor ou dos personagens que representam o autor. Este espectáculo é desde o seu início uma obra de sedução sem ser de manipulação: a sua grande virtude. É-o pelos objectos que nos remetem de imediato para um reconhecível exotismo tropical, pelo bom gosto dos figurinos – certamente inspirados no trabalho do artista nigeriano Yinka Shonibare, conhecido pelos jogos ambíguos das suas personagens imperiais vestidas com panos africanos – e por um início dramático conforme a um folhetim melodramático, que mantém um registo de comédia em toda a obra.

UM ELENCO MARAVILHOSO

Das múltiplas chaves de entrada em tão eficaz dramaturgia destaca a desconstrução liminar do sistema assistencialista das organizações de “ajuda humanitária aos africanos”, a exploração dos refugiados sob o pretexto de um trabalho dignificante, as cenas de contracena e faz-de-conta clássicas à maneira de Molière, a energia contagiante dos “números coreográficos” mimetizando danças de resistência moçambicanas, e um trabalho perfeito sobre os equívocos que conduzem a posições racistas, quando a identificação de alguém por um colono se sobrepõe à identidade que o ex-colonizado reclama para si. E *Moçambique* é também uma obra interpretada – quão prazeroso é poder usar este termo – por um maravilhoso elenco de actores.

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

Este *Moçambique* augura um tempo e um espaço cada vez mais descolonizados para as artes portuguesas, no meio de tanta tralha imperialista, vestida com pele de cordeiro, que nos vai entrando casa dentro ou ocupando a cena. O projecto é politicamente carregado, mas sem que a autonomia das formas e do jogo sejam postas em causa. Pelo contrário, é na brincadeira com as convenções teatrais e narrativas que a mala voadora, como sempre, encontra a libertação de qualquer jugo, estético ou político. O ponto de vista da narração é o do próprio Jorge Andrade, que se propõe apresentar ao público a fantasia de um país pessoal, a partir de uma memória de infância, que seria um território de aventura capitalista, cruzando-o com factos históricos, primeiro, e com as necessidades do melodrama, por outro. Desse cruzamento sai uma comédia iconoclasta, cheia de truques teatrais para dar conta do movimento múltiplo e contraditório que se pretende capturar.

DESMONTAR O RACIALISMO

Não vou revelar o enredo farsesco, para não estragar as várias reviravoltas da peça. No texto, é inventada uma história alternativa, ou contrafactual, de um português e um Moçambique especiais. Os episódios dessa história são postos em causa por uma trupe pós- (mas mesmo pós-) colonial, cujas nacionalidades e pronúncias desmontam qualquer racismo. Dessas

pequenas crises é feito o fio condutor do espectáculo, que avança de contradição em contradição, de cada vez negando a cena anterior, e termina voltando ao princípio, que é também negado, por sua vez, tal como é negado, no fim de tudo, o pressuposto fictício em que assenta o espectáculo inteiro.

TODAS AS MOEDAS SÃO FALSAS

O labirinto de cenas aparentemente iguais umas às outras, mas ligeiramente diferentes, vai montando uma realidade própria em cena. O espelhamento — triplo ou quádruplo — entre as pessoas reais, os papéis teatrais, e os segundos ou terceiros papéis teatrais (alternativas fictícias às pessoas e aos papéis iniciais) criam uma espiral que sustenta no vazio essa mesma realidade cénica. A mala voadora consegue fazer ao mesmo tempo e no mesmo lugar uma mistura entre *mise-en-abyme* e *trompe-l'oeil*. Mas se o tema é a imaginação da comunidade nacional moçambicana e o debate é sobre quem faz parte dessa comunidade ou não — após séculos de exploração colonial — nada melhor do que materializar o jogo da verdade e da ilusão no palco. O apuramento da linguagem do grupo é inegável. Desde o melodrama a Pirandello, passando pelas influências britânicas, a mala voadora criou uma divisa própria, que não desvaloriza, porque é falsa — como todas as moedas, parecem querer dizer eles, e eu concordo.

JORGE LOUREIRO

Sete companhias do teatro independente em estreia: as criações portuguesas

Sucedem-se ao longo da primeira quinzena de Julho entre espectáculos que, nalguns casos, percorrem a Europa há mais de dois ou três anos. São todas portuguesas e – não fosse a *História do Cerco de Lisboa* uma co-produção entre o Teatro dos Aloés e as companhias de teatro de Almada, Braga e Algarve – seriam todas lisboetas. Por outro lado, os cinco espectáculos que, neste Festival, se apresentam ao público pela primeira vez parecem ter em comum a tendência para a escrita de textos originais ou a aposta em dramaturgias feitas de raiz. O *MaisTMJB* esteve à conversa com os criadores, nas salas de ensaios, e dá-lhe agora conta dos pormenores que se afinam antes do grande dia.

Poucos cartazes levantam tantos pontos de interrogação como o concebido por José Manuel Castanheira para *História do Cerco de Lisboa*. Serão aquelas pinceladas as pedras que dão forma às muralhas da cidade ou as centenas de livros que se acumulam nas estantes de uma biblioteca? Serão as escadas o expediente mais rudimentar ao serviço dos invasores ou a forma mais simples de chegar às últimas prateleiras? *História do Cerco de Lisboa* tira partido do terreno movediço onde José Saramago escolheu lançar as bases do romance homónimo que publicou em 1989. Nesse sentido, aposta, como o autor, no confronto dos tempos – de um lado, o longínquo século XII, com as disputas aceras entre lusos e “infiéis”; do outro, o final dos anos 80, quando o protagonista, o revisor Raimundo Silva, ousa questionar a versão oficial da História e colocar um “não” onde antes se lia que os portugueses tinham sido ajudados pelos cruzados na conquista da cidade. No entanto, a versão teatral inova, sobretudo por atribuir ao Nobel da Literatura o estatuto de personagem.

NO REINO DA ABSTRAÇÃO

No CCB, Miguel Moreira e Romeu Runa consolidam a peça que assinala os 20 anos da associação cultural que fundaram. *Operários* é a nova criação do Útero, um espectáculo “mais próximo da dança” que

procura estreitar os laços com as duas cidades que viram crescer o colectivo: Almada e Guimarães. Unidas pela sua ligação à Cultura e a importantes complexos fabris, são homenageadas através de um fio condutor que faz questão de pôr em destaque um traço partilhado por artistas e operários: a construção de um objecto novo, real ou imaginário. A par do significado do fato-macaco, do excerto de *Heliogabalo* ou o *Anarquista coroadado*, de Artaud, que se impõe a meio do ensaio e da repetitividade que vislumbramos nos movimentos (a fazer lembrar as linhas de produção e o tiquetaque dos relógios), da conversa com os criadores ressalta ainda uma reivindicação: dispor de salas de ensaios e espectáculos que não limitem a liberdade criativa de quem as ocupa. Neste caso, porque a água será um elemento determinante em *Operários*. A mesma necessidade de experimentação parece ter estado na origem de *Ela diz*, uma estreia da responsabilidade do Teatro da Garagem. Em entrevista, na companhia das atrizes Fernanda Neves e Ana Palma, o dramaturgo e encenador Carlos J. Pessoa reconheceu ter procurado “uma experiência de escrita um pouco diferente daquela que tinha tido até agora”. Deste modo, não só optou por mergulhar num universo eminentemente feminino, como apostou na escrita de uma espécie de “metralha verbal que serve de escapatória para personagens oprimidas ou acoçadas”. O resultado é um texto poético, extremamente musical, sobre a relação que

se estabelece entre uma mãe e uma filha e que, além do mais, dispensa as leituras lineares da narrativa realista.

ESTREIAS DE UM NOVÍSSIMO TEATRO

No que diz respeito às duas últimas estreias deste Festival, ambas integram um segmento especial da programação: o ciclo dedicado ao novíssimo teatro português. O Teatro do Eléctrico sobe ao Palco Grande da Escola D. António da Costa com um conjunto de 16 cenas bem-humoradas de Karl Valentin e cinco músicas do repertório popular alemão do início do século XX. Ricardo Neves-Neves tinha vontade de encenar estes textos desde 2011, quando contactou pela primeira vez com a obra do “Charlie Chaplin de Munique”. “Muitas vezes, depois de um grande envolvimento das personagens – por exemplo, um diálogo gigantesco sobre pessoas que transpiram ao dançar –, redundamos num final sem grande significado. Dá-me um certo prazer este tipo de humor, esta busca do nada”, conclui. Quanto à Escola Superior de Teatro e Cinema, John Romão tomou como ponto de partida a obra dos artistas plásticos Vito Acconci e Bruce Nauman para trabalhar sobre o corpo e a intimidade com os alunos finalistas da licenciatura em Teatro. Por tudo isto, o Festival de Almada é também um festival de estreias. Um casamento feliz entre companhias emergentes e consagradas, com propostas imperdíveis para as noites de Verão.

ÂNGELA PARDELHA



Luís Vicente e Ana Bustorff num ensaio de *História do Cerco de Lisboa*. © Rui Carlos Mateus

História do Cerco de Lisboa

A partir de José Saramago
Encenação de Ignacio García

QUA. 5 > 21:30 | QUI. 6 > 19:00
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

Operários

De Miguel Moreira e Romeu Runa

QUA. 5, SEX. 7 e DOM. 9 > 21:30
QUI. 6 e SÁB. 8 > 19:00
TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO

Ela diz

Texto e encenação de Carlos J. Pessoa
QUA. 5, QUI. 6, SEX. 7 e DOM. 9 > 21:30
SÁB. 8 > 16:00
TEATRO TABORDA

Karl Valentin Kabarett

De Karl Valentin
Encenação de Ricardo Neves-Neves
SEG. 10 > 22:00
ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

Primeira imagem

Concepção e encenação de John Romão
QUA. 12 > 19:30
QUI. 13, SEX. 14 e SÁB. 15 > 21:30
DOM. 16 > 16:30
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Sobre o novíssimo teatro português

Depois de, nas últimas três edições, ter dedicado um ciclo ao novíssimo teatro argentino, espanhol e italiano, o 34.º Festival de Almada volta-se agora para os talentos emergentes no nosso país. Para além de acolher um dos espectáculos finais da licenciatura em Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema (*Primeira imagem*) e a nova criação do Teatro do Eléctrico (*Karl Valentin Kabarett*), outros três espectáculos e um colóquio completam este ciclo.

O fenómeno tem merecido a atenção dos meios de comunicação social e agitado as águas do meio teatral português: os novos colectivos vieram para ficar, movidos pela vontade de partilharem com o público as suas inquietações. Entre os grupos que marcarão presença no 34.º Festival de Almada, existem vários denominadores comuns. “*Há uma necessidade de as pessoas se juntarem, de não estarmos dependentes de quem nos contacta para trabalhar*”, assume Nídia Roque, um dos membros fundadores do Teatro da Cidade e uma das protagonistas de *Topografia*, o espectáculo que a companhia traz ao Fórum Romeu Correia no dia 10 de Julho. Diogo Tavares, um dos intérpretes que, três dias depois, dá vida a uma adaptação livre do romance de García Márquez *Memórias das minhas putas tristes*, destaca por seu turno os parcos recursos de que dispõem. Finalmente, Ricardo Boléo, responsável pela dramaturgia e

pela encenação de *A morte do príncipe*, em cena no dia 15, sublinha a capacidade de estes novos colectivos “*fazerem acontecer espectáculos em qualquer parte, muitas vezes fora do edifício do teatro*”. “*A precariedade criou novas dinâmicas*”, conclui.

IGUAIS NA DIFERENÇA

Une-os o muro na mesa, mas não a linguagem artística ou o método de trabalho por que optam. De facto, se para o Teatro da Cidade “*a estética depende sempre do assunto sobre o qual queremos falar*”, para a equipa envolvida em *Por nascer uma puta não acaba a Primavera* foi preferível apostar desde o início numa linha diferenciadora, resultante da “*junção da dança com o texto, as artes plásticas e a instalação*”. Mas as inquietações que escolheram partilhar com o público também são distintas. O Teatro da Cidade traz ao Festival um conjunto de alegorias sobre o conceito de *comunidade* – naquele que é, ao mesmo tempo, o seu segundo espectá-

culo como companhia e o primeiro em que se lançam na escrita de um texto original. Em *Por nascer uma puta não acaba a Primavera*, estão em causa “*vários tipos de amor*”, nomeadamente aquele que um no-nagenário sente por uma jovem adolescente e aquele que esta última parece devotar à dona do bordel, invejando a sua posição de poder. *A morte do príncipe* consiste, por sua vez, numa dramaturgia que, convocando um amplo conjunto de textos (*Máquina Hamlet*, de Heiner Müller; *Hamlet*, de Shakespeare; *Ode Triunfal* e *A morte do príncipe*, de Fernando Pessoa), persegue um “*regresso aos afectos*” e põe Hamlet a dialogar com Ofélia numa espécie de “*campo de concentração do amor*”. Para além dos espectáculos que compõem este ciclo, haverá ainda oportunidade de assistir a um debate sobre o tema. Trata-se do único *Encontro da Cerca* deste Festival e está agendado para a manhã de 15 de Julho, na Casa da Cerca, em Almada.

ÂNGELA PARDELHA

Topografia

Criação colectiva

SEG. 10 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA

Por nascer uma puta não acaba a Primavera

A partir de Gabriel García Márquez
Enc. de Alexandre Tavares e Anoushka Freitas

QUI. 13 > 19:00

FÓRUM ROMEU CORREIA

A morte do príncipe

A partir de Fernando Pessoa,
Heiner Müller e William Shakespeare
Encenação de Ricardo Boléo

SÁB. 15 > 18:00

FÓRUM ROMEU CORREIA



IRISGRÁFICA
SOLUÇÕES DE IMPRESSÃO

R. José Afonso, 5 – 2º D • 2810-237 Laranjeiro
Tel.: 212 747 777 • Tlm: 935 640 574
info@irisgrafica.pt • www.irisgrafica.pt



TopAtlântico Almada
Av. D. Nuno Álvares Pereira, 7B
2800-179 Almada
T. 218 646 235
almada@topatlantico.com
www.topatlantico.pt



MECANICA PIEDENSE. Lda

FÁBRICA DE SERRAÇÃO, CARPINTARIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS
MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, PAVIMENTOS, PORTAS,
COMPACTOS FENÓLICOS, ROUPEIROS, COZINHAS E FERRAGENS.

RUA MANUEL FEBREIRO, 114 - COVA DA PIEDADE - 2805-191 ALMADA
APARTADO 42 - 2806-801 ALMADA
Telefones Geral: 21 276 78 49 - 21 276 76 34 - 21 274 37 57
Secção Comercial: 21 274 90 44 - 21 276 49 10 - Fax: 21 275 76 74
E-mail: geral@mecanicapiedense.pt
http://www.mecanicapiedense.pt/



veg-e-tal
RESTAURANTE VEGETARIANO

www.vegetal.pt
212 745 784 / 964 878 310
facebook.com/vegetal.restaurant
Av. D. Afonso Henriques 8A 2800-009 Almada



boas ideias causam melhor impressão

PUBLICIDADE EM VÁRIOS SUPORTES

RECLAMOS | MONTRAS | VIATURAS | LONAS | VINIL | DECORAÇÃO | IMP DIGITAL | IMP OFFSET
CARTÕES | FLYERS | EMENTAS | EMBALAGENS | ETIQUETAS | TSHIRTS | SACOS | EVENTOS

216 086 996 | dplaceportugal



CICLO
**LIBERDADE
E SOLIDÃO**

DIGRESSÃO 2017
espectáculos disponíveis

dramaturgia e encenação | Rui Madeira
AS CRIADAS | Jean Genet

encenação | Abel Neves
AINDA O ÚLTIMO JUDEU E OS OUTROS | Abel Neves

encenação | Rui Madeira
AUTO DA BARCA DO INFERNO | Gil Vicente

encenação | Rui Madeira
JUSTIÇA | Camilo Castelo Branco
a partir do conto

dramaturgia e encenação | José Caldas
OS MÚSICOS DE BREMEN | Irmãos Grimm

encenação | Rui Madeira
NO ALVO | Thomas Bernhard

dramaturgia e encenação | Sílvia Brito
EM PESSOA | Fernando Pessoa
textos de

encenação | Eduardo Tolentino de Araújo
UM PICASSO | Jeffrey Hatcher

encenação | Rui Madeira
OS CEGOS | Maurice Maeterlinck

+ info : 

Avenida da Liberdade, 697 - 4710-251 Braga - Portugal
tel. [+351] 253 217 167 / 253 612 174
www.cb.pt | email: cb@cb.pt

companhia

34º festival de almada

música na esplanada



ALDINA DUARTE

SEXTA 07 às 22:00



IRMÃOS CATITA

SÁBADO 08 às 24:00



BRUNO PERNADAS

SEXTA 14 às 24:00



SAMUEL ÚRIA

SÁBADO 15 às 22:00

WALDEMAR BASTOS

MÚSICA ANGOLANA

TERÇA 04 às 20:30

FLAMEN4TET

MÚSICA FLAMENCA

QUINTA 06 às 20:30

ANDANDO CAMINOS

FUSÃO IBEROAMERICANA

SÁBADO 08 às 20:30

FLOR DO LÁCIO

POESIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

SEGUNDA 10 às 20:30

OPAZ

MIX BALCÂNICO

QUARTA 12 às 20:30

LOS CHAPULINES

FIESTA MEXICANA

SEXTA 14 às 20:30

TCHEKHOV TRIO

MÚSICA KLETZMER

DOMINGO 16 às 20:30

GERAJAZZ

JAZZ COM A ORQUESTRA GERAÇÃO

TERÇA 18 às 20:30

OPUS 22

REPERTÓRIO ERUDITO

TERÇA 18 às 24:00

ENTRADA LIVRE

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

espectáculos de rua



PROJECTO EZ

EZ AVIADOR

QUINTA 06 às 21:00

PRAÇA DA PORTELA
(FEIJÓ/LARANJEIRO)

SEXTA 07 às 20:00 e às 22:00
RUA CÂNDIDO DOS REIS
(CACILHAS)



IL CATALDO

HAUTE CUISINE

SÁBADO 08 às 20:00 e às 22:00

RUA CÂNDIDO DOS REIS
(CACILHAS)



LAPSO PRODUCCIONES

PROYECTO VOLTAIRE

SEXTA 14 às 20:00

RUA CÂNDIDO DOS REIS
(CACILHAS)

SÁBADO 15 às 21:00
PRAÇA DA PORTELA
(FEIJÓ/LARANJEIRO)



CRASSH

CRASSH DUO CIRCUS

SÁBADO 15 às 20:00

RUA CÂNDIDO DOS REIS
(CACILHAS)

ENTRADA LIVRE

